

## A educação para o parto e nascimento com crianças escolares: relato de experiência

Education for childbirth and birth with schoolchildren: experience report

La educación para el parto y el nacimiento con niños escolares: relato de experiencia

Cláudia Junqueira Armellini<sup>1</sup>

---

### RESUMO

**Objetivo:** Relatar experiência na realização de atividades educativas sobre o parto e nascimento, com escolares da rede pública. **Experiência:** As atividades educativas fazem parte do projeto denominado Como Nascemos, coordenado por docente de graduação de enfermagem e com participação de alunas bolsistas de graduação, realizadas no período de 2011 a 2017, em Porto Alegre, RS. Estas foram desenvolvidas em dez escolas, em 79 classes, com a participação de 1336 alunos. A atividade foi ofertada em quatro encontros por classe, com a presença da educadora responsável pela classe nos encontros. **Considerações:** Embora as crianças tenham informações sobre como ocorre a concepção, estas são geralmente confusas. Há necessidade de discutir o parto em função das dificuldades da abordagem de temas relacionados à sexualidade, parto e nascimento. Professoras e bolsistas consideraram que os encontros ajudaram a lidar com a temática, em especial em relação ao modo de como promover uma comunicação mais efetiva com as crianças.

**Palavras-chave:** Parto, Ensino, Criança, Educação em saúde, Tocofofia.

---

### ABSTRACT

**Objective:** Report experience in carrying out educational activities on childbirth and birth, with schoolchildren from the public network. **Experience:** The educational activities are part of the project called Como Nascemos, coordinated by a nursing undergraduate and with the participation of undergraduate scholarship students, held in the period from 2011 to 2017, in Porto Alegre, RS. These were developed in ten schools, in 79 classes, with the participation of 1336 students. The activity was offered in four meetings per class, with the presence of the responsible educator for the class in the meetings. **Considerations:** Although children have information about how conception occurs, these are usually confusing. There is a need to discuss childbirth due to the difficulties of approaching issues related to sexuality, childbirth and labor. Educators and fellows considered that the meetings helped to deal with the issue, especially with regard to how to promote effective communication with children.

**Keywords:** Childbirth, Teaching, Child, School Health Education, Tocophobia.

---

### RESUMEN

**Objetivo:** Relatar experiencia en la realización de actividades educativas sobre el parto y el nacimiento, con escolares de la red pública. **Experiencia:** Las actividades educativas forman parte del proyecto denominado Como Nascemos, coordinado por docente de graduación de enfermería y con participación de alumnas becarias de graduación, realizadas en el período de 2011 a 2017, en Porto Alegre, RS. Estas fueron desarrolladas en diez escuelas, en 79 clases, con la participación de 1336 alumnos. La actividad fue ofrecida en cuatro encuentros por clase, con la presencia de la educadora responsable de la clase en los encuentros. **Consideraciones:** Aunque los niños tienen información sobre cómo ocurre el diseño, estas son generalmente confusas. Hay necesidad de discutir el parto en función de las dificultades del abordaje de temas relacionados a la sexualidad, parto y nacimiento. Los educadores y los becarios consideraron que los encuentros ayudaron a lidiar con la temática, especialmente en relación con el modo de promover una comunicación más efectiva con los niños.

**Palabras clave:** Parto, Educación, Niño, Educación en salud, Tocofofia.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: [claudiaj@enf.ufrgs.br](mailto:claudiaj@enf.ufrgs.br).

**DOI: 10.25248/REAS290\_2018**

---

Recebido em: 4/2018

Aceito em: 5/2018

Publicado em: 7/2018

---

## INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970, o modo de nascer no Brasil mudou. O parto passou a ser predominantemente hospitalar e marcado por inúmeras intervenções. Essas mudanças culminaram com a predominância das cesarianas, tanto no contexto do atendimento da rede privada, onde atinge taxas em torno de 90%, quanto na rede pública, com taxas de mais de 50%. A cesariana está associada a taxas de mortalidade materna, com aproximadamente quatro a cinco vezes maiores que a de parto vaginal, assim como se encontra associada ao aumento da morbidade e mortalidade perinatal (PORTO *et al.*, 2010).

As altas taxas de cesariana no Brasil podem indicar que esse procedimento pode estar sendo considerado como o modo natural de nascer. Vários são os questionamentos que contribuem para este fato, há estudos que confirmam que embora no início da gestação as mulheres têm o parto vaginal como preferência, acabam sendo influenciadas e submetidas a cesariana (DOMINGUES *et al.*, 2014). Talvez o desconhecimento das mulheres sobre o parto, o medo e a desinformação sobre o direito de um atendimento ao parto no modelo humanizado contribuam para o cenário atual de domínio de cesarianas.

Para Demsar *et al.* (2018) e Haines *et al.* (2012), o medo das mulheres em relação ao parto e nascimento, denominado de tocofobia, pode favorecer a realização de cesariana. Progianti e Costa (2008) afirmam que a educação em saúde é um instrumento do cuidado cultural e que práticas educativas utilizadas por enfermeiras obstétricas podem mudar o modo medicalizado da mulher parir. A humanização do parto, como programa público de saúde nacional, a partir de 2000 tem estimulado ações culturais e educativas, junto a mulher e sua família para mudar a forma de parir (RATTNER, 2009).

Haines *et al.* (2012) afirmam que a compreensão das crenças, valores e atitudes das mulheres acerca do parto e nascimento devem ser foco dos programas internacionais nas políticas em relação a maternidade, e que nestes programas o cuidado centrado na mulher e suas escolhas devem ser contemplados. Há, desta forma, a necessidade de práticas educativas culturais que tornem a mulher, na sua fase reprodutiva, capaz de adotar modos de parir com base em escolhas informadas (RATTNER, 2009; HAINES *et al.*, 2012).

Acredita-se que seja importante tanto no desenvolvimento da mulher quanto do homem, a inserção do tema da parturição, desde a infância nas escolas, com inclusão e discussão de temas acerca da humanização do parto e nascimento. A escola é um espaço de mudança e formação de agentes multiplicadores que podem promover o parto natural e cidadãos mais empoderados, com conhecimento para decidir sobre o tipo de parto e nascimento desejado para seus filhos.

Para Gava e Jardim (2016) há a necessidade de discutir temas relacionados a educação sexual nas escolas, para que as crianças possam compreender o próprio corpo, expressar seus sentimentos e cuidar da saúde de forma consciente no exercício de cidadania e buscar pela garantia de seus direitos.

A autora deste relato, em 2005 participou, como docente da Escola de Enfermagem da UFRGS e enfermeira obstetra, do treinamento de recursos humanos em atendimento humanizado denominado Curso de Assistência ao Parto Humanizado nas Maternidades e Casas de Parto do Japão, coordenado pela Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA) e Ministério da Saúde do Brasil. Esse curso, oferecido no Japão, ocorreu em resposta à solicitação do governo brasileiro para auxiliar na redução das taxas de mortalidade materna e infantil. Dentre as diversas atividades do curso, a autora visitou uma escola de ensino fundamental onde assistiu uma aula sobre o tema "Parto e nascimento", integrante do currículo escolar japonês, ministrada por enfermeira obstetra às crianças com oito anos de idade (ARMELLINI e SCHIRMER, 2007). A autora no seu retorno ao Brasil acalentou o desejo de realizar atividade semelhante junto às crianças, fato que ocorreu algum tempo depois.

Para a autora, considerando-se os altos percentuais de cesariana no Brasil, o desconhecimento, o medo e os receios em relação à parturição pelas mulheres e seus familiares, se justificaria a inclusão de práticas educativas sobre parto para alunos do ensino fundamental.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência na realização de atividade educativa sobre o parto e nascimento com crianças escolares do ensino público. A escolha por crianças dessa faixa etária justifica-se porque nessa fase as crianças são mais espontâneas para colocar suas

dúvidas, não têm tanto pudores e estão abertas para novos ensinamentos. Os conhecimentos sobre parto e nascimento ainda não estão sedimentados. As informações sobre parto e nascimento, assim como todas as que integram a educação sexual devem ser esclarecidas na fase escolar (GAVA e JARDIM, 2016).

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trata-se de relato de atividades de um projeto do Programa Ciência na Sociedade Ciência na Escola da UFRGS, denominado Como Nascemos, desenvolvido para crianças escolares. Este foi coordenado por uma docente de graduação de enfermagem, especialista em enfermagem obstétrica, realizado no período de 2011 a 2017, em dez escolas públicas estaduais de Porto Alegre, RS o qual incluiu 79 classes.

As atividades foram desenvolvidas em encontros com crianças do jardim da infância a quinta série do ensino fundamental, com idades que variaram de 5 a 11 anos, duas dessas classes tinham apenas crianças especiais. O total de alunos foi de 1.336. Em cada classe, a educadora responsável pela turma participava dos encontros.

Na realização das atividades educativas participaram alunas de graduação de enfermagem contempladas com bolsas de iniciação científica, em programa de divulgação da ciência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O projeto Como Nascemos desde o seu início prevê quatro encontros por cada classe de alunos.

No primeiro encontro, já na apresentação do projeto e de todos os participantes, escolares, bolsistas e professores, era trabalhado o tema família e suas diferentes constituições. Era solicitado que as crianças desenhassem a família e indicassem a relação que tinham com os familiares, para que a coordenadora do projeto conhecesse o núcleo familiar de cada criança.

A autora neste primeiro encontro buscou contemplar a discussão sobre as diferentes famílias que existem na sociedade, para que as crianças estivessem atentas as diferenças individuais, que as constituem como indivíduos e dos grupos a que pertencem na sociedade, como a família. Para Silva et al. (2015) a sociedade, a cultura e a família são indispensáveis para o bom desenvolvimento do indivíduo, no que se refere a sexualidade.

No segundo encontro, o tema era o corpo humano e eram discutidas as funções de cada órgão e as diferenças entre o corpo da mulher e do homem, com ênfase nos órgãos reprodutivos, utilizando-se um torso desmontável. Eram introduzidas noções sobre prevenção a situações de violência física e sexual. Ao final, as crianças recebiam como tarefa de casa, uma gravura de uma gestante para colorir, a qual representaria a sua mãe, e na qual deveriam desenhar-se dentro do útero. Essa tarefa tinha por objetivo de a criança discutir com os familiares o tema "gestação".

Neste segundo encontro, a autora intencionalmente buscou discutir os entendimentos das crianças sobre o que é atribuído a ser menino e ser menina, pois entende que o papel do educador não se restringe apenas a transmitir informações, mas a discutir as formas de relacionamento para buscar relacionamentos mais igualitários entre homens e mulheres, desde a infância. Esta entende que a criança ao chegar a escola já carrega valores e crenças transmitidos pelos grupos culturais do qual faz parte na sociedade e que estes necessitam ser esclarecidos e debatidos (MAIA e RIBEIRO, 2015; GAVA e JARDIM, 2016).

No terceiro encontro, com o tema gestação, se utilizava da narração de uma estória de um casal, que incluía a gravidez e o desenvolvimento fetal até o nono mês gestacional. Essa narrativa era ilustrada com gravuras, uso de nove bonecas-bebê de tamanhos diferentes, representando o desenvolvimento fetal, e a ausculta dos batimentos cardíacos de gestante convidada, geralmente, a mãe de algum escolar. Como atividade para discussão em casa com os familiares, era solicitado que as crianças desenvolvessem o tema "Como eu nasci", para ser abordado no último encontro.

Neste terceiro encontro sobre o tema da reprodução, foi trabalhado o momento que mais gera desconfortos e dificuldades para os pais e professores porque aborda diretamente o exercício da sexualidade. Para Moizés e Bueno (2010) ainda se faz necessária a orientação de pais e professores no

processo de educar sobre sexo e sexualidade nas escolas, pois o tema é carregado de preconceitos e tabus (ALMEIDA *et al.*, 2011; MAIA e RIBEIRO, 2015; SILVA *et al.*, 2015; GAVA e JARDIM, 2016).

No último encontro, o tema “parto” era discutido e as crianças relatavam se haviam nascido por parto normal ou cesariana e o motivo para a cesariana. Eram discutidas as propostas de humanização do parto, como os direitos da mulher e a Lei do acompanhante, o clampeamento tardio do cordão do bebê, a livre movimentação e a dieta da mulher no trabalho de parto, além da liberdade de escolha da posição na parturição. Por último, era realizada a dramatização do parto e nascimento, utilizando-se uma barriga didática, sendo as crianças integrantes da família do “casal gestante”.

Neste último encontro, o objetivo foi de informar sobre modos de nascer, as vias de parto, como é definido na terminologia atual. Acredita-se que o atual modelo de nascimento em que há predomínio da cesariana pode estar contribuindo para a ocorrência da tocofobia, ou seja, o medo das mulheres pela dor ocorrida no parto normal, e que este fato pode influenciar significativamente na decisão pela cesariana (MELCHIORI *et al.*, 2009; VELHO *et al.*, 2012; DOMINGUES *et al.*, 2014; OLIVEIRA e PENNA, 2018). A autora acredita que a informação adequada sobre o parto pode contribuir para o enfrentamento das mulheres sobre o medo de parir, e que mulheres e homens desde a infância precisam ter conhecimento sobre os diferentes modos de nascer.

Nos primeiros anos do projeto, a autora entrava em contato com a direção e coordenação pedagógica da instituição de ensino para apresentá-lo. Atualmente, as atividades estão sendo realizadas por solicitação das escolas onde foi desenvolvido ou em outras, propiciada pela própria divulgação do projeto.

Os pais e responsáveis pelos alunos eram informados e autorizavam ou não a participação das crianças no projeto, desde seu começo. Durante todos esses anos, apenas em uma ocasião uma mãe procurou a autora para conhecer as atividades previamente ao seu desenvolvimento, por considerar que era muito cedo para seu filho discutir o tema, embora após a apresentação do projeto tenha concordado com a participação do seu filho. Até a última edição, o projeto contou com a participação de um pai e um irmão, além de algumas mães.

É importante destacar que as atividades nos encontros eram realizadas pela interação das crianças com a autora e as bolsistas do projeto. As professoras e pais participavam como observadores, permaneciam na sala, porém não participavam das atividades. A exceção eram as mães grávidas que participavam do terceiro encontro.

A participação da educadora responsável pela classe foi uma condição da autora para o desenvolvimento do projeto. Com relação a avaliação destes sobre as atividades com os escolares, relataram frequentemente que tinham dificuldades para lidar com tema delicado, que envolvia a sexualidade, e agradeciam pela oportunidade dada pelo projeto para aprender a lidar com o tema de forma simples e com materiais que os próprios alunos e professores poderiam produzir ou ter acesso.

Moizés e Bueno (2010) e Gava e Jardim (2016) ressaltam a dificuldade dos educadores de crianças em fase escolar, de lidarem com a educação ou orientação sexual. Para estes autores, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais tenham estabelecido a sexualidade como tema transversal no ensino, este não está presente no cotidiano da escola de forma clara, e, muitas vezes é silenciado, sendo frequentemente na prática escolar constatada a dificuldade dos educadores em abordar o tema. Muitas vezes, a autora recebeu como retorno dos educadores sobre os encontros, o aprendizado que tiveram sobre a linguagem clara e simples que foi adotada com as crianças, e que estes momentos contribuíram para esclarecer e trazer mais segurança para lidarem o tema.

Para as alunas bolsistas, as contribuições fornecidas pelo projeto foram favorecer o aprimoramento da comunicação em público e com crianças de diferentes idades, usar linguagem leiga e conhecer outro espaço para a atuação do enfermeiro, para além da atuação do ensino, frequentemente, voltado para doença e tratamento. Destaca-se que das nove bolsistas que participaram das edições do projeto, seis já graduadas estão atuando profissionalmente na área da saúde da mulher e/ou obstétrica.

Em duas classes, o projeto contribuiu para alertar duas situações que envolveram abuso infantil intrafamiliar. Nestas situações a parceria com a professora responsável pela classe e a direção da escola foi imprescindível para o devido encaminhamento.

A autora, no contato com os escolares participantes, percebeu que desde cedo as crianças tinham informações sobre concepção e parto, de inúmeras fontes, como a televisão, de histórias vividas com familiares, de colegas, da internet enfim. Porém, estas informações, muitas vezes, não eram claras e convergentes para as crianças.

Nos encontros, a autora percebeu que as crianças tinham inúmeras dúvidas que não eram respondidas na família e escola. A sexualidade parece ser um tema ainda não abordado em profundidade. A autora corrobora com Moizés e Bueno (2010) quando estes afirmam que os profissionais de saúde podem ser aliados dos educadores auxiliando-os na educação sexual dos escolares e dos próprios educadores.

## CONSIDERAÇÕES

Embora as crianças tenham informações sobre como ocorre a concepção, estas são geralmente confusas, oriundas de inúmeras fontes, indicando a necessidade de discutir temas relacionados à sexualidade, parto e nascimento. Educadores e bolsistas consideraram que os encontros ajudaram a lidar com a temática, em especial em relação ao modo de promover comunicação efetiva com as crianças, por meio de uma linguagem simples e de modo direto.

Acredita-se que as práticas educativas com as crianças, além de contribuir para ampliar o conhecimento sobre o corpo humano, parto e nascimento, possam também propiciar maior disseminação sobre formas humanizadas de nascer, além de gerar cidadãos mais conscientes de seus direitos e transformar o modo de nascer, a longo prazo. Desta forma, a tocofobia ou o medo do parto e nascimento pode ser minimizado pela divulgação de conhecimento adequado sobre a parturição, auxiliando para que as mulheres e futuros pais compreendam que podem ter controle sobre o que acontece com o corpo da mulher na parturição, com educação para o parto desde a infância.

---

## REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA AS, NOGUEIRA JA, SILVA AO *et al.* Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? *Rev Gaúcha Enferm*, 2011;32(1): 107-113.
2. ARMELLINI CJ, SCHIRMER J. Ensino do parto normal na escola: relato de experiência durante o curso de humanização nas maternidades e casas de parto no Japão. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem Obstétrica e Neonatal (5.: 2007 out: Porto Alegre). Coletânea de trabalhos apresentados [recurso eletrônico]. Bento Gonçalves: Associação Brasileira de Enfermeiros Obstetras, 2007. 1 CD-ROOM.
3. DEMŠAR K, SVETINA M, VERDENIK I *et al.* Tokophobia (fear of childbirth): prevalence and risk factors. *J Perinat Med*. 2018; 46(2): 151-154.
4. DOMINGUES RMSM, DIAS MAB, NAKAMURA-PEREIRA M *et al.* Processo de decisão pelo tipo de parto no Brasil: da preferência inicial das mulheres à via de parto final. *Cad. Saúde Pública*, 2014; 30(sup.): 101-116.
5. GAVA, NC, JARDIM, MB. Sexualidade infantil: uma releitura no cotidiano escolar. *Educação Pública*, 2016; 16(1): 1-11.
6. HAINES HM, RUBERTSSON C, PALLANT JF *et al.* The influence of women's fear, attitudes and beliefs of childbirth on mode and experience of birth. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 2012; 12: 55.
7. MAIA ACB, RIBEIRO PRM. Educação sexual: princípios para a ação. *Doxa*, 2011; 15(1): 75-84.
8. MELCHIORI LE, MAIA ACB, BREDARIOLLI RN *et al.* Preferência de gestantes pelo parto normal ou cesariano. *Interação psicol*, 2009; 13(1): 13-23.
9. MOIZES JS, BUENO SMV. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Rev Esc Enferm USP*, 2010; 44(1): 205-212.
10. OLIVEIRA VJ, PENNA CMM. Cada parto é uma história: processo de escolha da via de parto. *Rev Bras Enferm* 2018; 71(suppl 3):1304-1312.
11. PORTO AMF, AMORIM MMR, SOUZA ASR. Assistência ao primeiro período do trabalho de parto baseada em evidências. *Femina*, 2010; 38(10): 527-537.
12. PROGIANTI JM, COSTA RF. A negociação do cuidado de enfermagem obstétrica através das práticas educativas na casa de parto. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 2008; 12(4): 789-792.
13. RATTNER D. Humanização na atenção a nascimentos e partos: ponderações sobre políticas públicas. *Interface*, 2009; 13(s.1): 759-768.
14. SILVA EL, SILVA S, MOTA RMF *et al.* Educação sexual no ensino de ciências. *REMOA*, 2015; 14(esp): 1-9.
15. VELHO MB, SANTOS EKA, BRUGGEMANN OM *et al.* Vivência do parto normal ou cesáreo: revisão integrativa sobre a percepção de mulheres. *Texto Contexto Enferm*, 2012; 21(2):458-466.